

O romantismo e o realismo na personagem Jenny, de Inês Pedrosa

PATRÍCIA LIBREZ

Graduada em Letras – Português/ Inglês e Respectivas Literaturas pela União Dinâmica de Faculdades Cataratas (UDC), Foz do Iguaçu. e-mail: patricialibrenz@gmail.com

Resumo: O Livro *Nas tuas mãos*, da portuguesa Inês Pedrosa, conta-nos a história de três mulheres. Para este ensaio, é estudada a perspectiva da personagem Jenny, uma mulher que aceita viver com o marido (o qual ela descobriu ser homossexual somente após o casamento) e o amante sob o mesmo teto, sustentando-os, sem nunca ter se relacionado sexualmente com o cônjuge, e ainda criando a “bastarda” como sua própria filha (fruto da infidelidade do amante de seu marido). Ao longo da narrativa somos convencidos de que Jenny não aceita aquela condição apenas por vergonha ou por ser submissa, mas também em nome de um amor incondicional que nutria por António e, acima de tudo, por estar satisfeita com o relacionamento que levava e feliz com a família que construía. Por se tratar de um caso extremamente incomum, Jenny merece ser estudada: afinal, ela era romântica ou realista?

Palavras-chave: Jenny; amor; Romantismo; Realismo

Abstract: The book *Nas tuas mãos*, from the Portuguese author Inês Pedrosa, tells the story of three women. For this essay, we will study the perspective of the character Jenny, a woman who accepts to live with her husband (whose homosexuality she discovered after marrying him) and his lover under the same roof, supporting them, without ever having sexual relations with her spouse and even creating a bastard kid (the result of an affair of her husband’s lover) as her own daughter. Throughout the narrative, we are convinced that Jenny does not accept that condition only because of shame or a submissive behavior, but also because of the unconditional love she nourished for her husband António and, above all, because she is satisfied with the relationship she had with them all and happy with the family she had built. Since she is an extremely unusual case, Jenny deserves to be studied: after all, was she romantic or realistic?

Keywords: Jenny; love; Romanticism; Realism

1. Introdução

O livro *Nas tuas mãos* é dividido em três partes: *O Diário de Jenny*, *O Álbum de Camila* e *As Cartas de Natália*. Para esta análise o foco será no diário e na personagem de Jenny que, muito jovem, casou-se com António e acreditava que ele era amigo inseparável de Pedro. No entanto, poucos dias depois do casamento, Jenny

percebeu que havia algo de estranho na sua relação. O marido não a procurava – não dormiram juntos sequer na noite de núpcias – e a cama de Pedro, o amigo, estava sempre impecável pela manhã, nunca precisou ser feita.

Não percebi porque é que nada sucedia de acordo com as normas, mas nessa noite nem sequer fiquei triste. Estava muito cansada de ter sorrido e dançado o dia inteiro, cansada de ser bonita e espirituosa num vestido pesado de rainha, pensei apenas que me queria proteger, como sempre, ou que simplesmente te agradava prolongar um pouco mais o perverso prazer da espera (PEDROSA, 2011, p. 17).

Passada a revolta dos primeiros meses, nos quais Jenny atravessava suas noites com o ouvido colado à parede do quarto no qual os amantes dormiam, a jovem mulher percebeu que respeito, amor e união em uma família não estavam condicionados ao seu formato. Jenny amava António incondicionalmente, da mesma forma como ele amava a Pedro. Por idolatrar António e respeitar profundamente seus sentimentos, Jenny aceitou o amor dos dois e aprendeu amar a Pedro da mesma forma como ele a amava: eram bons amigos e tinham, até então, António em comum.

Ao princípio a intimidade deles fazia-me mal. Passava noites inteiras com o ouvido colado à parede odiando-lhes as vozes misturadas, o ritmo conjugado dos corpos, os gritos e o sono. Tinha tanto medo das coisas assombrosas que se passavam naquele quarto que deixei completamente de dormir. [...] E à maneira das crianças nos amamos a vida inteira, sem transpor a porta do erotismo, num faz de conta implacável feito só de dor e delícia (PEDROSA, 2011, p. 20).

Mas após seis anos de casamento, apareceu Danielle, uma judia com quem Pedro teve uma noite de aventura em uma dessas vezes em que se desentendeu com António, com a filha deles nos braços, Camila. A mãe deixou a menina aos cuidados de Jenny prometendo buscá-la em poucos meses. Morreu nas mãos dos nazistas e Jenny criou a filha bastarda do amante de seu marido como se fosse sua.

Danielle chegou, com os olhos inchados de lágrimas e uma minúscula Camille berrando no seu colo; parecia que adivinhava que o colo da mãe ia desaparecer para sempre. Pôs a menina nos meus braços e confiou-me todos os seus tesouros para que os desse à filha: um maço de fotografias da sua infância, uns brincos de pérolas, uma carta onde narrava a genealogia da família e um fio de ouro com a estrela de David. No fim da guerra soube que ela morrera no campo de Dachau (PEDROSA, 2011, p. 41).

Jenny não tinha uma família convencional, mas era feliz. Não havia relacionamento sexual entre ela e António, nunca houve; Jenny morreu virgem, mas sempre se sentiu completa. Quando o marido disse a ela que gostaria que ela tivesse amantes,

como outras mulheres, para não ficar trancada o tempo todo dentro daquele casarão, Jenny respondeu que não poderia ser como as outras mulheres só para agradar-lhe:

Acrescentei que também não te pedia que fosses como os outros homens só para me agradares, e isso é que te pôs mesmo furioso. Agarraste-me, deste-me um beijo na boca como se me esbofeteasses: “É isto que quer? Está contente?” Não, não era isso o que eu queria, queria-te apenas como eras. Só a esta forma de querer eu podia chamar liberdade, e foi o que te disse (PEDROSA, 2011, p. 46);

Jenny compreendeu que António deu a ela a oportunidade de conhecer um amor puro, como jamais imaginou ser possível; Pedro, por sua vez, deu à Jenny a chance de experimentar a plenitude da maternidade. Camila não saíra de suas entranhas, mas Jenny a amava como a uma filha legítima.

Todas as noites da minha vida agradei a Deus o dom desse sentimento que nunca mudou. À minha volta, muitos casamentos desabaram, outros apodreceram depressa, embalados na música veloz de um tempo cada vez mais aflito. O nosso manteve-se branco e suspenso sobre as convulsões do mundo (PEDROSA, 2011, p. 17).

A partir desta polêmica surgiu a ideia para este ensaio: o que é o amor, afinal? O que é preciso para que haja um casamento feliz? O que é uma família? Essas são as perguntas que tentarei responder ao longo desta reflexão.

2. O romantismo de Jenny

De acordo com Moisés (2009, p. 323), “se as estéticas têm sexo, o Romantismo é feminino, e o Classicismo, masculino”. O ideal romântico surgiu no cenário da literatura no final do século XVIII, estabelecendo-se nos primeiros anos do século XIX. A família perfeita, a religiosidade, representada por um clero intocável, a mulher ideal, o amor profundo, único, a idealização da natureza e de todas as coisas do mundo passam a fazer parte da literatura de toda uma época.

Egocêntrico, o romântico adota perante a realidade um comportamento passivo, introvertido, de índole feminoide [...] Desse egocentrismo decorrem as outras características do homem romântico: [...] em lugar do racionalismo, o sentimentalismo [...]. Jogado permanentemente entre sentimentos opostos, e cultivando morbidamente essa mesma instabilidade emocional como sinônimo de originalidade [...] (MOISÉS, 2009, p. 323).

Embora o Romantismo tenha sido a escola predominante do século XIX, é possível percebermos algumas características românticas nesta narrativa contemporânea,

como o sentimentalismo:

A tua cabeça rodou na direção do meu rosto, os teus olhos fecharam-se e a tua boca avançou para a minha, através de uma lenta rota de luz, risos e lágrimas. Quando os teus dentes morderam os meus lábios alguém gritou “Bravo!” como na ópera e eu soube que nunca uma rapariga havia sido assim amada. “Espere”, dizias tu, “conosco há-de se diferente”. Travavas-me o corpo todo com um beijo na palma da mão, os meus dedos agarravam-se, entontecidos, à curva funda das tuas pálpebras, e desse canto macio de pele eu inventei um homem para sonhar até o dia branco da nossa eternidade. António. Dou-te esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade (PEDROSA, 2011, p. 11).

A maneira como a personagem idealizava o ser amado e todas as coisas do mundo, também é um traço forte do romantismo: “As pessoas são mais imprevisíveis para o bem do que para o mal, por isso nunca me canso de viver” (PEDROSA, 2011, p. 42). A forma como Jenny falava de um amor sublime e imortal lembra muito os escritos da época do romantismo:

Tudo o que há para saber do amor é deslumbrada aceitação. [...] Não te preocupe como ou quanto, nem caias na tentação de distinguir amor e paixão: a pouco e pouco, fui vendo que essas divisões são armadilhas que se montam para que o pano caia sobre os nossos olhos e a imortalidade desapareça do nosso horizonte. O amor, Camila, consiste na divina graça de parar o tempo. E nada mais se pode dizer sobre ele (PEDROSA, 2011, p. 20-21).

Embora o tempo da narrativa remonte à primeira metade do século XX, mostra que a forma da Jenny pensar e de ver o mundo é extremamente convencional, e romântica – colocando os sentimentos acima de tudo – pois ela nunca se preocupou em ter razão, apenas em ser feliz. Nota-se até a menção à superioridade do sentimento sobre o relacionamento (amor carnal x amor espiritual): “[...] E à maneira das crianças nos amamos a vida inteira, sem transpor a porta do erotismo, num faz de conta implacável feito só de dor e delícia” (PEDROSA, 2011, p. 20).

Por outro lado, o livro nos mostra uma Jenny que não se abalou pelo fato de não ter tido uma família tradicional, com um marido “normal”, filhos e vida sexual, fato que conduz a narrativa para outro patamar: um realismo contemporâneo, tendo em vista que o homossexualismo foi tabu mesmo no campo da literatura por muitos séculos e, neste livro, é tratado de uma forma extremamente natural.

2.1. O Amor romântico

Para Jenny, “o amor se faz de uma comunidade de interesses subterrâneos, restos de vozes, hábitos que nos ficam da infância como uma melodia sem letra, paixões pisadas na massa funda do tempo, mas nesses anos entre guerras os sentimentos expli-

cados não interessavam a ninguém. O amor era então uma criação fulminante do tédio e da inocência, feito do carnal recorte da beleza, magnífico de crueldade” (PEDROSA, 2011, p. 12-13).

Segundo o Houaiss Eletrônico (2001), o amor pode ser definido de várias formas, dentre as quais destaquei:

forma de interação psicológica ou psicobiológica entre pessoas, seja por afinidade imane, seja por formalidade social; atração afetiva ou física que, devido a certa afinidade, um ser manifesta por outro; forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consangüinidade ou de relações sociais; afeição baseada em admiração, benevolência ou interesses comuns; calorosa amizade; forte afinidade; força agregadora e protetiva que sentem os membros dos grupos, familiares ou não, entre si; devoção de uma pessoa ou um grupo de pessoas por um ideal concreto ou abstrato; interesse, fascínio, entusiasmo, veneração; demonstração de zelo, dedicação; fidelidade.

Jenny entendeu que o amor espiritual ia muito além do carnal e só pelo fato de ela ter esta compreensão lhe foi possível ser feliz. “[...] E à maneira das crianças nos amamos a vida inteira, sem transpor a porta do erotismo, num faz de conta implacável feito só de dor e delícia” (PEDROSA, 2011, p. 20). Embora estivesse em uma relação extremamente realista, vivendo um casamento polêmico até mesmo para os padrões de hoje, Jenny manteve-se romântica até o fim. Para ela, a dedicação, a demonstração do zelo, o amor que existia entre as pessoas que viviam naquela casa era muito maior do que a sua vaidade em ter um relacionamento completo com o marido:

Pouco e pouco, desenvolvi a capacidade de me cingir à felicidade essencial de ser a tua mulher. Tu, que nem sequer olhavas para uma mulher, tinhas-me escolhido para viver ao teu lado uma vida inteira. O sexo que eu desconhecia não podia roubar-me o êxtase desta aventura. Permaneceria tua namorada, cúmplice do teu amante (PEDROSA, 2011, p. 16).

3. O realismo no livro

O marco inicial do Realismo no mundo da literatura foi o romance *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert. A mulher, que no Romantismo era o ser amado idealizado, perfeito, comparável a uma santa, no Realismo aparece como um ser humano comum, com defeitos e, inclusive, capaz de trair. “Fazia-se, desse modo, obra de observação e acusação, uma vez que, retratando a burguesia dominante, se mostrava a um só tempo a derrocada das instituições sustentadoras da visão romântica do mundo” (MOISÉS, 2009, p. 17).

A figura do clero desmantelado, da mulher adúltera, de uma sociedade hipócrita e dos casamentos problemáticos passa a ser temática preferida dos escritores desta época. A realidade não era mais bonita e perfeita, como o Romantismo pintava – era

feia, torta e defeituosa, tudo o que fugia do convencional, do ideal romântico.

[...] os caracteres pintados ao vivo, patenteiam desvios e mazelas, ao contrário da visão romântica, inspirada nos estereótipos imaginários; o dia-a-dia, com as suas formas agressivas de violência, sujeira e fealdade, entra a preterir a idealidade repassada de beleza pura e irreal (MOISÉS, 2009, p. 15).

Logo que Jenny entendeu que o relacionamento de seu marido com Pedro não era apenas uma forte amizade, a personagem passou por momentos de revolta, conferindo ao romance uma conotação bastante sexual e, por isso, realista. Não houve, por parte da autora, a tentativa de velar a realidade:

Ao princípio a intimidade deles fazia-me mal. Passava noites inteiras com o ouvido colado à parede odiando-lhes as vozes misturadas, o ritmo conjugado dos corpos, os gritos e o sono. Tinha tanto medo das coisas assombrosas que se passavam naquele quarto que deixei completamente de dormir (PEDROSA, 2011, p. 20).

O teor sensual acompanha todo o livro:

Aprendi a fazer amor sozinha a ver e ouvir, do lado de lá da parede, como tu fazias amor com o Pedro. Fiz um buraco na parede, sim, mesmo ao lado do espelho do toucador, em frente à vossa cama. Os meus dedos imitavam no meu corpo o percurso dos dele sobre o teu corpo. Nunca percebera porque é que, no colégio, as freiras vinham certificar-se de que tínhamos as mãos do lado de fora do lençol antes de adormecermos. Um dia a freira obrigou uma menina a dar-lhe a cheirar as mãos ocultas e a menina levou trinta reguadas e ficou um mês de castigo. Chorava todas as noites, duas camas depois da minha, mas nunca consegui que me contasse qual mal havia nas suas mãos. Só com o vosso amor compreendi. Aprendi a sincronizar os meus desejos e êxtases com os vossos; aprendi até, a certa altura, a provocar-vos, a atrair-vos um para o outro quando tinha vontade de me entregar à divina inconsciência do prazer (PEDROSA, 2011, p. 46).

4. Considerações finais

Jenny era essencialmente romântica, mas foi colocada em um contexto extremamente realista e, ironicamente, sobreviveu a isso graças ao seu romantismo. Embora Romantismo e Realismo sejam escolas antagonistas entre si, neste romance os ideais de ambas convergem em uma única personagem de uma maneira surpreendentemente harmoniosa. Jenny em momento algum se mostrou incoerente ou desequilibrada por ser uma romântica vivendo uma história realista; ela conviveu muito bem com todos os sentimentos e até mesmo com a ideia de poder ser ridicularizada por uma sociedade que não aceitava o homossexualismo e não via aquele casamento com bons olhos.

Para a personagem, a felicidade que ela experimentara vivendo daquela forma, a estrutura da sua família, o sentimento mútuo de amor e de respeito entre seus integrantes, tudo isso era mais importante do que uma simples convenção. Os casamentos tradicionais que desmoronavam ao seu redor, para ela, eram a prova de que viver dentro do padrão de uma sociedade não era garantia alguma de sucesso e felicidade.

Então foi por isso que Jenny, essa pessoa romântica e idealizadora que colocava o amor acima de tudo, conseguiu coexistir com a Jenny realista e à frente de seu tempo, que abdicou de viver um casamento pleno, viveu um casamento de aparências para não expor o marido que tanto amava, convivendo com ele e com o amante sob o mesmo teto, em um “triângulo amoroso” nada convencional, do qual ela era excluída sexualmente, e viveu este relacionamento baseado apenas em uma profunda amizade, admiração e respeito.

Portanto, Jenny é uma personalidade singular. Romântica incorrigível, vivendo em uma situação extrema em seu casamento, ela conseguiu ver beleza até mesmo na mais cruel realidade, o que faz dela uma “romântica realista”.

Referências

HOUAISS, António. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOISÉS, Massaud de. *História da Literatura Brasileira I*. São Paulo: Cultrix, 2009.

_____. *História da Literatura Brasileira II*. São Paulo: Cultrix, 2009.

PEDROSA, Inês. *Nas tuas mãos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.